

Evocação de Ruy Belo na «Terra da Alegria»

Fernando J.B. MARTINHO

Facultad de Letras. Universidad de Lisboa
fjbmartinho@netcabo.pt

Texto recibido el 1/06/2008

RESUMO:

Ruy Belo foi Leitor de Português na Universidade Complutense de Madrid, entre 1971 e 1977. O artigo ocupa-se dos poemas de Ruy Belo escritos durante esse período em que se encontram referências a Madrid (a terra da alegria, a que o título alude, e, ao mesmo tempo, sinédoque de Espanha), a múltiplos lugares da cidade, ruas, praças, teatros, restaurantes, cafés, o metro — espaço, de um modo geral, associado a vivências amorosas, dadas nas suas contradições e nos efeitos que elas têm, nos momentos de euforia ou depressão, na percepção da realidade circundante por parte do poeta. Estudam-se igualmente as referências a autores espanhóis, nomeadamente a Garcilaso, celebrado em dois longos poemas em que fica patente o conhecimento íntimo que o poeta português moderno tem do código petrarquista.

Palavras-chave: Ruy Belo, Madrid, terra da alegria, poesia, espaço, vivências amorosas, contradições, euforia, depressão, Garcilaso, petrarquismo.

ABSTRACT:

Ruy Belo was Lecturer of Portuguese at Universidad Complutense de Madrid from 1971 to 1977. In this article, we study the poems he wrote during that period in which we may find allusions to Madrid (the land of joy to which the title alludes and, at the same time, a synecdoche of Spain), to the streets, squares, restaurants, cafés, theatres, the subway – everything associated with love experiences, portrayed in their contradictions and the effect they have, in moments of exultation or depression, on the perceptions of the surrounding environment by the poet. Allusions to Spanish authors in the poems are also taken into account in the article, especially in two long poems that celebrate Garcilaso, in which we can see how familiar the modern Portuguese poet is with the petrarchist code.

Key words: Ruy Belo, Madrid, land of joy, poetry, space, love experiences, contradictions, euphoria, depression, Garcilaso, petrarchism.

Um poeta português ensinou, entre 1971 e 1977, na Universidade Complutense de Madrid. Esse poeta chamava-se Ruy Belo. Quando aos 38 anos foi ensinar para Madrid como Leitor de Português, Ruy Belo tinha publicado quatro livros de poesia e um de crítica e ensaio, e era já considerado como um poeta de grande relevância no seu país. Era mesmo visto como um dos responsáveis por uma viragem sig-

nificativa na poesia portuguesa, que passa na década de 60 por um período de intensa experimentação.

Ao assumir funções docentes na Complutense, trazia consigo credenciais académicas pouco comuns. Fez, primeiro, uma licenciatura em Direito, que iniciou em Coimbra, em 1951, e concluiu em Lisboa, em 1956. Entre este ano e 1958, doutorou-se em Direito Canónico na Universidade de S.Tomás de Aquino, em Roma. Regressado a Lisboa, abandona em 1961 a Opus Dei, a que se encontrava ligado havia dez anos. Naquele mesmo ano de 1961, entra na Faculdade de Letras de Lisboa, onde conclui, em 1967, a licenciatura em Filologia Românica. É esta última habilitação que lhe permite ser colocado, quatro anos depois em Madrid, como Leitor de Português do Instituto de Alta Cultura, não sem antes ter tido que enfrentar os obstáculos levantados pela polícia política portuguesa, por em 1969 ter sido candidato a deputado por uma das listas da Oposição ao Estado Novo.

Quando chega a Madrid em 1971, a literatura e a cultura espanholas não constituem novidade para Ruy Belo. Logo no seu livro de estreia, em 1961, *Aquele Grande Rio Eufrates*, encontramos um poema, “Córdoba lejana y sola” (Belo, 2004a: 109), que nos mostra que estava familiarizado com a poesia de Lorca, aliás, abundantemente lida em Portugal desde os fins dos anos 30. Num texto do seu terceiro livro, *Boca Bilingue*, de 1966, “Andamento final de poema” (*ibid.*: 225-226), por sua vez, aparecem transcritas as famosas palavras de Fray Luis de León quando regressou à sua cátedra depois de cinco anos de ausência («decíamos ayer»). Por outro lado, num poema de *Homem de Palavra(s)*, de 1970, intitulado “Da poesia que posso” (*ibid.*: 337), cita por duas vezes, em castelhano, um verso do *Poema de Mío Cid*, dentro de uma prática citacional muito frequente na sua poesia: «Dios qué bueno es el gozo por aquesta mañana». Nesse mesmo livro se inclui um poema a que dá o título de “A medida de Espanha” (*ibid.*: 333):

*Tenho mudado de cidades algumas vezes
e o meu passado é todo esquecimento
A noite chega precedida pela sombra
e é sempre em vão que repudio a noite
Eu morro qualquer dia e pouco sei da vida
É perigosa a vida a simples vida
a vida a simples vida é violenta
Mas quando a primavera em cabelo chega
sinto-me invulnerável e começo
É formidável março quando se aproxima
a prometer no passo um integral verão
Sou todo deste tempo e são meus estes dias
Eu nada sou mas o verão existe
Canta meu coração
Esta é a medida de espanha
ó vida minha vida estranha.*

Sabemos ainda, por um testemunho de Luís Filipe Lindley Cintra, que foi seu professor na Faculdade de Letras de Lisboa, de uma viagem que fez com sua mul-

her, nos anos 60, a Málaga, na companhia do Prof. Cintra e membros da sua família (Cintra, 1990: 59). Num poema do seu último livro, *Despeço-me da Terra da Alegria*, “A fonte da arte” (2004c: 207-209), terá ocasião de evocar essa viagem:

*Esta manhã falavam-me de Málaga
e de súbito no meio desta névoa
abriu-se o céu de há anos no verão
Éramos tão jovens nesse tempo
que não sabíamos sequer que nos amávamos assim
e discutimos junto ao porto e regressámos separados
ao hostel onde estávamos aboletados.*

A Espanha vai, naturalmente, ocupar outro lugar na poesia de Ruy Belo, a partir da sua ida para Madrid em 1971. O tempo de Madrid corresponde, aliás, a uma segunda fase da sua poesia, em que, por exemplo, a sedução pelo poema longo que já vem dos seus primeiros livros, se torna cada vez mais nítida, a ponto de um dos livros dessa segunda fase, *A Margem da Alegria*, de 1974, ser constituído por um único poema extenso. Nesta fase, acentua-se a tendência, que a extensão do poema de certo modo propicia, para uma escrita dispersiva, que, no entanto, nunca perde o controlo de todos os valores que definem o verso enquanto unidade fundamental na construção do poema. É nessa malha proliferante, gerada pelos jogos associativos, que cabem as referências a cidades espanholas, Sevilha, Segóvia, Alicante, a escritores espanhóis, como Unamuno, ou que associamos a Espanha, como Hemingway, a Espanha, que se ama, e sobretudo a Madrid, por um lado, sinédoque desse país a que tanto se quer, e, por outro lado, ele próprio a terra da alegria (cf. Magalhães, *in* Belo, 1981: 338-339), com a memória dos deslumbramentos amorosos experimentados no seu espaço, e a presença obsidiante dos lugares percorridos na errância, nas deambulações pela cidade, o metro, os bares, os cinemas, os museus, os restaurantes, os parques, uma ou outra vez especificados (o “restaurante anselmo”; o “metro de serrano”; o “parque del oeste”).

Se associamos prioritariamente o sintagma “terra da alegria” a Madrid, tal não quer dizer que estejamos a pôr de parte outras leituras que lhe ampliem o significado, de modo a incluir a vida, a terra, toda a terra, a própria poesia. Curiosamente, Luís Filipe Lindley Cintra, na evocação que fez de Ruy Belo em 1990, fala do período passado em Madrid como “um período de tristeza, [...] difícil” (Cintra, 1990: 60). A verdade é que, em Ruy Belo, alternam os períodos de entusiasmo e de tristeza, de euforia e depressão, de alegria e dor. A sua poesia, e sobretudo a poesia amorosa prevalente no período de Madrid, oscila permanentemente entre o elogio e a elegia (cf. o título emblemático de um poema de *Transporte no Tempo*, de 1973, “Elogio e pranto por uma mulher” (Belo, 2004b: 127-129).

No primeiro livro que dá a público no período de Madrid, *Transporte no Tempo*, de 1973, sinaliza no próprio título de um texto, “Primeiro poema de Madrid” (*ibid.*: 39-40), a circunstância de ser aquele o primeiro poema que a cidade lhe terá inspirado. Trata-se, no essencial, de uma meditação sobre um tema comum na poesia de Ruy Belo, o da pertença a um lugar. O poeta encontra-se a trabalhar fora do seu país, é como um dos muitos emigrantes que, então, vivem a experiência de “peregrinos e

hóspedes em outras terras”. Não por acaso é este um dos poemas que Ruy Belo incluiu no volume antológico da sua poesia política, *País Possível*, vindo a lume nesse mesmo ano de 1973. O carácter político do poema fica bem evidenciado nos versos em que se diz:

*Além de que não há nem tu nem eu falso problema
há os sem pão e os sem sobremesa
e até sem portugal questão antiga.*

E já antes, dentro desta linha, a cidade onde estava lhe fizera lembrar o filme de Fredérf Rossif *Mourir à Madrid*, e o uso que aí se faz do famoso discurso de Unamuno em Salamanca perante o general franquista Millán Astray:

*Há tantas estrelinhas parecem dançar
na rasa noite ralos de castela
et mourir à madrid le coeur brisé
salamanca unamuno [...].*

Por importante que seja esta dimensão política, e é-o verdadeiramente numa poesia como a de Ruy Belo que se quer “Quente e humana”, o ponto central da sua deriva meditativa passa, antes, pelo entendimento dos lugares, dos países, como realidades interiores:

*Mas o país está dentro de nós
o país somos nós pois passa por aqui
passa por nós os de auscultar palavras
essa guerra civil inevitável.*

Como “homem de palavra(s)” ele se via enquanto poeta, e o título do seu livro anterior se encarregava, de resto, de o lembrar. Aqui, agora, se apresenta como fazendo parte daqueles cujo trabalho é “auscultar palavras”, e daí que possa fazer suas as palavras de Pessoa, que tinha “por simples pátria a língua portuguesa”. O trabalho do poeta, a auscultação das palavras, não o esqueçamos, vê-o ele como “guerra civil inevitável”. O que o poeta traz, com o poema feito de palavras, não é a “paz”, o embalar enganador das consciências, mas a inquietação, e uma “construção linguística” que evita a facilidade, que é “difícil”. A poesia que quer “a todos” destinada, é, como diz no fecho do texto, “Quente e humana embora na aparência fria”.

Num outro poema do mesmo livro, com um título remanescente de Pessoa, um poeta que muito admirava, “Madrid revisited” (*ibid.*: 101-102), a cidade sofre uma transformação completa, já não é a mesma, em face da ausência do ser amado, em função do qual, afinal, ela existe para o poeta. Se o poema abre com o propósito de dar a “externa ordenação [da] cidade” na “forma objectiva e até mesmo impessoal” que colheu no seu mestre Eliot, em breve o poeta constata a impossibilidade de se subtrair à melancolia que o avassala pela ausência daquela com quem aprendeu a conhecer a cidade. A cidade mudou irrevogavelmente, já não é “capital do sol núcleo da claridade”, o que agora sobre ela pesa é uma chuva “desolada e espessa”, que

metaforiza a ausência do ser amado nos lugares, “correos”, “café gijón”, o “largo” e o “teatro”, antes “loca sacra” e, agora, sem remédio, reduzidos à condição de lugares sem sentido, que nada lhe dizem. Aquela que sentia como a sua cidade, transformou-se em “outra cidade”, irreconhecível, num não-lugar, numa “coisa estranha”. As pessoas podem continuar a chamar-lhe Madrid, que para ele não é mais do que a cidade onde perdeu a mulher amada. A ideia de perda a tal ponto o domina que se lhe afigura já estar inscrita no próprio momento em que conheceu o ser amado:

*Aqui foi a cidade onde eu te conheci
e logo ao conhecer-te mais que nunca te perdi
Deve haver quase um ano mais que ao ver-te vi
que ao ver-te te não vi e te perdi ao ter-te
Mas a esta cidade muitos dão o nome de madrid.*

Num poema composto em Madrid em Junho de 1973 mas que não chegou a ser integrado num dos livros do período (Belo, 2004c: 251), por sua vez, Ruy Belo compara a cidade a uma “mulher inatingível/ pra quem a não conhece com aquele vagar que ela merece”; aí, no entanto, o que, acima de tudo, importa é a sentida “homenagem” que o poeta presta a um colega e amigo da Complutense, o Prof. Alonso Zamora Vicente:

*mestre que nunca tive amigo que instantaneamente obtive
no dia já distante em que primeiro o vi na minha frente
tem o dom de saber a menor coisa oculta que me possa acontecer
conhece pedra a pedra esse madrid que eu nunca conheci
cidade inacessível qual mulher inatingível
pra quem a não conhece com aquele vagar que ela merece
sabe imenso de tudo mas prefere ficar mudo
ou falar de países onde esteve e tem raízes
despreza intimamente cargos que não sente
essas coisas volúveis inaudíveis
escritas só a giz que o tempo em breve liquefaz
ó zamora vicente peço-te consente
que à tua porta eu bata um dia ao fim da vida
e diga com o dante desistente e descontente
essa palavra paz que essa amizade tua tantas vezes traz.*

Se em “Madrid revisited” o que domina é um lamento elegíaco sobre a condição efémera da felicidade, num outro poema ainda do mesmo livro, “No aeroporto de Barajas” (Belo, 2004b: 125-126), o que mais visivelmente emerge é a indignação de um poeta que abraçou algumas das causas políticas dos anos 60 e princípios de 70, centradas na denúncia das intervenções norte-americanas no mundo, a que nem falta, no calor da ira, o traço feroz da caricatura:

*Aqui grassa o mau gosto aqui a gente
que fica por aqui em todos quantos partem*

*aqui a gente goza a ver estes patuscos
que passam de montera na cabeça
aqui a gente vive a morte que aí vai aqui
vive nestas barrigas quem não vive
Aqui os servos nós eles senhores
aqui ficamos nós aqui levantam voo não
os aviões mas estas certas aves de arribação.*

A observação no aeroporto de Madrid da partida de um conjunto de americanos, em pleno *boom* turístico da Espanha franquista dos começos dos anos setenta, conduz o poeta a uma reflexão sobre o bem-estar sobranceiro de um povo, o norte-americano, que, afinal, se baseia no domínio exercido sobre outros povos reduzidos à condição de *sub-gente*.

Um dos pontos mais altos da lírica amorosa de Ruy Belo é, sem dúvida, o poema “Muriel” (Belo, 2004c: 135-138), que se inclui na segunda parte do livro *Toda a Terra*, de 1976, colocada sob o título sugerido pelo mais famoso dos romances tradicionais portugueses (“Nau Catrineta”), “Terras de Espanha”. Celebração de uma jovem mulher espanhola e da sua juventude, o poema dá-a num espaço a que está indissociavelmente ligada, Madrid. Desde cedo, porém, que o leitor se apercebe de que uma nota elegíaca ensombra essa celebração. É como se o poeta, desde o início, quisesse sugerir que se trata de um amor impossível, se não mesmo irreal, e num lugar que se torna, ele próprio, cada vez mais irreal. O que o define a ele é a mudança, a ela uma juventude que permanece: “Tu és a mesma mas nem imaginas/ como mudou aquele que se esperava”. É nele muito intensa a consciência do devir temporal, e persistente o temor do envelhecimento:

*Numa vida tão curta mudei tanto
que é com certo espanto que no espelho de manhã
distráido diviso a cara que me resta
depois de tudo quanto o tempo me levou.*

Mudou ele e mudou a cidade, a partir do momento em que a viu. Antes disso, sentia a cidade como sua, o “anonimato” de que beneficiava nos seus espaços garantia-lhe essa posse da cidade, um sentimento de segurança e de identificação com ela. A visão da jovem traz-lhe a inquietação, e sabe que se trata de uma relação condenada à partida. Esse encontro ensombrado, desde o início, pela ideia de perda, é o ponto de partida para o poeta, bom conhecedor da tradição petrarquista, impiedosamente se auto-analisar nos paradoxos e contradições de uma experiência amorosa infeliz em que, apesar de tudo, se compraz:

*Vejo-te agora vi-te ontem e anteontem
e penso que se nunca a bem dizer te vejo
se fosse além de ver-te sem remédio te perdia
Mas eu dizia que te via aqui e acolá
e quando te não via dependia
do momento marcado para ver-te.*

A familiaridade de Ruy Belo com o código petrarquista é expressamente assumida no poema que se segue, em *Toda a Terra*, “Encontro de Garcilaso de la Vega com Dona Isabel Freire, em Granada, no ano de 1526” (*ibid.*:139-142):

*eu procurava [...]
uma razão a única razão (e não sentimental como afinal o é
a convenção que adopto de petrarquizar
neste meu verso aparentemente livre
mas no fundo apoiado sobre o decassílabo.*

O adoptar o poeta uma convenção, a do petrarquismo, em consonância, de resto, com o espírito do poeta convocado para o título do poema, um dos mais ilustres representantes do petrarquismo quinhentista espanhol, não significa que para ele haja uma cisão entre “dizer e ser”. Isabel Freire, a dama do séquito da Infanta D. Isabel quando do seu casamento com Carlos V, não é, para o poeta português, mais do que uma figuração do “eterno feminino” que incessantemente persegue, e alguém que, ao mesmo tempo, pertence à estirpe das grandes amorosas, como Gaspara Stampa ou Mariana Alcoforado, *que amam mais do que são amadas*. A identidade daquele que fala no poema é o que, porventura, menos importará no jogo mental a que temos acesso. Tanto é a do que, no presente, tem a visão do “eterno feminino”, de perfil claramente petrarquista, no aeroporto de Lisboa numa noite fria de Janeiro, como a do poeta quinhentista de cujo encontro com Isabel Freire o poema, muito obliquamente, se ocupa, como ainda a de Pedro, em eterno diálogo com Inês. A mudança de identidade do enunciador significa, em última análise, que o poeta, “o rei do inexorável reino das palavras”, como a si próprio se vê, assume as máscaras que melhor cumprem o seu objectivo, que é integrar-se, com a perseguição incessante que é a sua do “eterno feminino”, na linhagem dos grandes amorosos, dos que fizeram a experiência contraditória da “morte de amor morte melhor que vida”.

Já no outro painel do díptico, “Ao regressar episodicamente a Espanha, em Agosto de 1534, Garcilaso de la Vega tem conhecimento da morte de Dona Isabel Freire” (*ibid.*: 143-156), muito mais extenso, o poeta assume quase exclusivamente a máscara de Garcilaso, excepto num passo já relativamente perto do fim em que ele próprio evoca o seu lugar de nascimento e o rio que lhe dá o nome, associado a um motivo recorrente na sua poesia, o do irrevogável passar do tempo figurado no passar das águas: “Rio maior meu rio de criança único rio/ onde eu que afinal sou água corrente/ e como ela passo irremediavelmente/ até por lá morrer lá principio”. O tom geral do monólogo é, como seria de esperar, o da elegia. O enunciador lamenta a morte da mulher amada, mas, mais do que isso, ele afirma a permanência do seu amor para além da morte: “incólume a conservo na memória”. Se a elegia deplora e se lamenta, e a ode celebra, tal não impede, como lembra Jean-Michel Maulpoix (2000: 189), que os dois géneros apresentem numerosas semelhanças e se cruzem. Em sintonia, de resto, com o código petrarquista que Garcilaso segue e a que o poeta que lhe dá a voz não menos se conforma, vê o enunciador a morte não só como “inevitável” mas também como “indispensável para quem/ tanto mais vida teve quanto mais morreu”. Daí que ele proclame o seu amor –um amor que é, em fidelidade ao espírito do petrarquismo, acima de tudo, o amor do amor–, mesmo diante do escândalo da morte:

*Eu amo com amor e amo tanto amar-te
que nem contigo morta tenho medo de perder-te
pois quanto mais te perco mais te encontro.*

A morte mais não faz do que exacerbar as contradições e os paradoxos do amor. Diz Garcilaso a certo passo, na sua longa fala dirigida a Isabel, que tem por nome “sofrimento”, o que, em articulação com outra passagem, implica que o sofrer, o morrer de amor signifique, afinal, um acréscimo de vida:

*Se sempre mereceste a minha morte
pois só em ti a vida tinha para mim sentido
agora que na terra imóvel jazes
e a aperfeiçoas com a tua perfeição
sei que viverei mais quanto mais eu morrer.*

Como salienta Jean-Michel Maulpoix (2000: 193), a elegia medita sobre a acção e o destino do homem e, por tal motivo, se torna ela facilmente “gnómica e sentenciosa”. É o que se verifica em várias passagens do monólogo de Garcilaso que ganham uma clara dimensão filosófica, como quando, por exemplo, ele declara não trocar a “terra” e a imanência de que ela se reclama por qualquer transcendência (“Nem que viesse deus eu trocaria/ por uma bocejante eternidade/ a promessa da terra a alegria/ de nela confundir-me e ter serenidade”) ou vê no “contentamento do momento” a expressão máxima da “glória humana” (“A glória humana a única que existe/ quando já nenhum deus nos pede nem promete/ uma terra qualquer para além da morte/ é o contentamento do momento”). Tal pendor não anula a relevância no poema do puro lirismo como se verifica num passo em que se faz a invocação da noite, remanescente de toda uma tradição portuguesa que tem na “Senhora da Noite” de Pascoaes e na “Ode à Noite” de Campos dois dos seus momentos mais altos:

*E eis que sobre ti desceu a noite
a noite mãe de tanta coisa
mãe do amor mãe do menor rumor
capaz de conferir maior intensidade
ao silêncio que reina em redor:
a noite que assegura a segurança
capaz de consentir ao rouxinol cantar
noite dos sonhos dos pressentimentos
não tardes em cobrir com o teu manto
este corpo que à terra prometido
nela fica melhor se nele for envolvido.*

A terra nomeada no extenso título do poema e aonde Garcilaso regressa e toma conhecimento da morte de Isabel Freire, não deixa de ser referida no corpo do texto. A primeira vez, dentro de um tópico recorrente na lírica amorosa de Ruy Belo, o do efeito devastador que a ausência da mulher, neste caso, a ausência definitiva, tem sobre sobre os lugares onde o poeta conheceu a felicidade que o amor lhe trouxe:

*Ontem mesmo castela que era um reino povoado
a raso descampado hoje se reduz
pois tu eras a luz e já não brilhas mais.*

A outra referência vem na sequência do tratamento de um tema, também ele de forte presença na poesia de Ruy Belo, o da instabilidade do “eu”, aproximada à das águas do rio, uma insegurança que atinge, numa rápida anotação de carácter político, igualmente Portugal, sob a ameaça das tendências hegemónicas de Castela:

*A espanha em si mesma se consome
é uma nação louca e a loucura
em vez de nas fronteiras se conter
contamina um país tão inseguro como portugal.*

Mas não é esta a nota dominante do poema; antes, como vimos, a que combina oximoricamente a dor da perda, a elegia, com a celebração da mulher amada e do amor: “Eu vi-te e só por ver-te tive em ti/ mais do que até teria se tivesse renascido”. Este é o lado, digamos assim, do Ruy Belo, de alguma forma, herdeiro da tradição petrarquista (e que ainda ecoa no poema que se lhe segue na secção “Terras de Espanha”, “O tempo sim o tempo porventura” (Belo, 2004c: 157-162): “Suspiro pela vida pelo sumo ser/ de um renascentista dividido entre o verso e a mulher/ que quanto mais se quer menos se quer/ que quanto mais se tem menos se tem”). Mas há também nele um outro lado, o do homem moderno consciente da sua finitude, o que diz que “a vida acaba em morte e nós deixamos/ para sempre na terra quanto fomos”, e a que falta a “fé” numa transcendência: “Para continuar precisaria de ter fé/ e eu só acredito já naquilo que é”. Por detrás da fala do homem do mundo do seu tempo que é o Garcilaso que se despede de Isabel Freire, está o poeta moderno que só na “terra” espera encontrar um termo para a sua inquietação — um desejo de paz que estende também àquela a quem amou:

*No fundo já há muito que morri
Eu morri pelo reino e pela sociedade
pela paz das consciências pelas razões de estado
e após essa morte toda a gente
passou a repousar sem o menor cuidado
Isabel freire meu inimigo amigo
se por ti posso ainda qualquer coisa
que a paz e a terra sejam sempre contigo.*

De redacção posterior ao díptico dedicado a Garcilaso é o segundo poema da secção “Terras de Espanha”, “Meditação anciã” (*ibid.*: 103-113). De pleno direito se insere ele nesta secção, e não apenas pelo facto de ter sido composto em Madrid, em Novembro de 1972. Com efeito, é este um dos textos do Ruy Belo da 2ª fase em que mais explicitamente se fala de Espanha, de Madrid. O texto assume no título aquilo que frequentemente são os poemas, e, de modo especial, os poemas extensos de Ruy Belo, *meditações*. O qualificativo que acompanha o substantivo no singular remete para um

tema de obsidiante presença nos poemas do tempo de Madrid, o envelhecimento, não importa se mais imaginado que real. A meditação processa-se num enquadramento temporal que lhe é propício, um domingo de outono marcado pela queda das folhas. Tudo, o dia da semana, a estação do ano e o cair das folhas que lhe está associado, conduzem à melancolia (“O outono o que é para mim o outono?! O outono é a suspeita de que tudo acaba/ de que a exaltação do verão é uma ilusão”), a que se junta a tristeza do envelhecimento (“Como é triste a velhice como é triste/ insistir tanto e tanto e ser-se como quem desiste”). É diante deste quadro depressivo que vamos assistir à mais explícita declaração de amor por Espanha, pela sua gente, por parte do poeta, nos seus livros:

*Meu deus como amo a espanha este país toda esta gente
apenas o país e a gente quando gente
meu deus quanto fiz minha esta espanha
na cor da pedra de uma igreja de segóvia nas
tabernas ruidosas pelas festas de alicante
onde só por um duro soam tachos e panelas pendurados nelas
na juventude enchendo arguelles pelas noites de verão
cantando ao som das palmas rindo amando.*

E vem esta celebração da alegria expansiva e ruidosa das gentes espanholas, da parte de um sorumbático português, no seguimento de um louvor feito à terra onde se experimentou o sabor da felicidade:

*Aqui eu fui feliz aqui fui terra
aqui fui tudo quanto em mim se encerra
aqui me senti bem aqui o vento veio
aqui gostei da gente e tive mãe
em cada árvore e até em cada folha
aqui enchi o peito e mesmo até desfeito
eu fui aquele que da vida vil se orgulha
Aqui fiquei em tudo aquilo em que passei
um avião um riso uns olhos uma luz
eu fui aqui aquilo tudo até a que me opus
Aqui eu sempre aqui me senti bem
aqui quando sofri eu fui feliz
pois ao sofrer senti-me ser alguém
aqui mesmo se mal me senti bem
aqui me senti mal mesmo se bem
aqui meu deus morri meu deus ou minha mãe
meu deus um mar de nuvens e nas nuvens eu
meu deus as minhas nuvens eu ninguém.*

As frases que se sucedem, com a repetição anafórica do deíctico, dizem bem da expansão vital que o lugar celebrado significou para o poeta. Trata-se, afinal, da adequação total do sujeito ao lugar, à sua gente e à própria natureza como se pode observar num outro passo um pouco à frente:

*Mesmo se porventura um dia em espanha
a pessoa civil que sou fosse considerada estranha
sempre teria um riso ou gesto gente a ajudar-me
e na falta de gente que até hoje nunca me faltou
não duvido que as próprias árvores haviam
de cobrir com as folhas os cuidados.*

O texto deriva, logo a seguir, para uma visitação, uma “aparição” do eterno feminino, que traz ao poeta, em pleno outono continental, o “mar” e o “verão”, e que ele invoca, tendo arquetipicamente no horizonte o *Cântico dos Cânticos*, poema, como se sabe, amiúde convocado pelos poetas quando fazem do amor o suporte da exaltação lírica:

*Vem até mim mulher filha do mar
vem com o vento e traz contigo o verão
separa esse teu corpo pura aparição
da espuma flor da onda indício de água
invejável até para a nascente vénus
de boticelli ou da exposta no museu de caracalla
Mesmo através do espelho ó mulher vem
não temas invadir sequer a solidão
de quem de livros lápis folhas se rodeia
porque é condição sua estar sozinho
e é afinal a solidão a sua profissão.*

Mas a referência à “solidão” como o que mais profundamente define o poeta, na passagem acabada de citar, já deixa adivinhar que em breve iremos assistir à chegada da melancolia, mais em consonância com o outono do que com um imaginário verão a que não se sabe que uso dar, e com força ela vem, a melancolia, quando à imagem da mulher se sobrepõe a da criança, a de uma infância, que nos pede mais que o pessimismo e o desengano que é difícil ocultar-lhe:

*Como dizer-lhe que tudo é esta terra
que outra terra que houver é desta terra
que há gestos inúteis nas melhores das mãos
que nada tem no fundo algum sentido
que é escusado que não há saída
que se qualquer sentido tem a nossa vida
é só no fundo ver passar o tempo
pensar alguma coisa olhar as folhas
enquanto a noite súbita não desce?*

Não por acaso cumpre-se um ciclo completo no poema, no poema extenso, e da manhã com que o texto se inicia chega-se à noite, e à angústia que pressentíramos sob as atormentadas palavras do passo anterior segue-se uma como que apaziguada aceitação do poeta à sua inarredável condição de ser da terra:

*A noite é acessível amolda-se a nós
há agora uma noite pronta pra vestir
A noite surpreende-nos na falta de surpresa
E procedo por fim à sondagem silenciosa desta noite
de novembro rente às árvores de sombra
aos hálitos de luz que aqui ali definem a tão pura escuridão
lá onde ambiciono não ter chão no chão que então terei
até ser assim chão como esse chão que sou.*

Em data próxima da composição do poema “Muriel”, Ruy Belo redigiu o prefácio para a 2ª edição de *Aquele Grande Rio Eufrates*, de 1972, em que, a encerrar, se refere a Madrid como “uma das cidades do mundo mais distantes de Lisboa” (Belo, 2004a: 20). Na circunstância, a ironia traduzia, afinal, um real sentimento de isolamento, para o qual a proximidade geográfica de Lisboa estava longe de constituir um motivo de consolação. Fosse como fosse, Portugal nunca esteve verdadeiramente longe do pensamento do poeta em Madrid. O poema extenso que fecha o último livro de Ruy Belo, *Despeço-me da Terra da Alegria*, “Enganos e desencontros” (Belo, 2004c: 231-245), o último em data de composição no volume, encerra sintomaticamente, em vésperas de o poeta deixar Espanha, com uma reflexão, apreensiva mas não fechada à esperança, sobre Portugal, a que, pela coloquialidade do verso final, se quer, no entanto, retirar qualquer semelhança com a solenidade enfática própria do discurso político:

*Humano mesmo se demasiado humano
povoam-me cidades sossegadas
de sonhos que semeiam as semanas
onde só o silêncio é soberano
Dobra-se a brisa à mão do meio-dia
a fantasia é fértil em verdade
e do presente obscuro português
algum futuro há-de enfim nascer
Do salmo lúgubre da luz final do dia
que já há quatro séculos se entoa
hão-de rasgar a noite portuguesa
as raparigas da cidade de lisboa
E eu hei-de voar ao vento do momento
Dizias qualquer coisa? Esta manhã? Perfeitamente.*

Referências bibliográficas:

- BELO, Ruy, *Obra Poética de Ruy Belo*, Vol. 2, org. e posfácio de Joaquim Manuel Magalhães. Lisboa: Editorial Presença, 1981.
BELO, Ruy, *Todos os Poemas I*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2ª ed., 2004a.
—, *Todos os Poemas II*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2ª ed., 2004b.
—, *Todos os Poemas III*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2ª ed., 2004c.

CINTRA, Luís Filipe Lindley, “Evocation de Ruy Belo”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, Vol. XXVIII. Lisboa-Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990, pp. 53-73.

MAULPOIX, Jean-Michel, *Du Lyrisme*. Paris: José Corti, 2000.